



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

CAMPUS AVANÇADO DE PATU

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

JULIANNY MARIA DE FREITAS MARTINS

**O BRANQUEAMENTO E A BRANQUITUDE EM *ÁGUA DE BARRELA*, DE ELIANA
ALVES CRUZ**

PATU – RN

2024

JULIANNY MARIA DE FREITAS MARTINS

**O BRANQUEAMENTO E A BRANQUITUDE EM *ÁGUA DE BARRELA*, DE ELIANA
ALVES CRUZ**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura.

PATU – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M386b Martins, Julianny Maria de Freitas

O branqueamento e a branquitude em Água de barrela, de Eliana Alves Cruz. / Julianny Maria de Freitas Martins. - Patu/RN, 2024.

48p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Branqueamento; Branquitude; Racismo; Literatura afro-brasileira; Memória. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais.

II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

JULIANNY MARIA DE FREITAS MARTINS

**O BRANQUEAMENTO E A BRANQUITUDE EM ÁGUA DE BARRELA, DE ELIANA
ALVES CRUZ**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Aprovada em: 05/12/2024.

Banca examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Francisca Laila Ribeiro Pinto

Prof.^a. Ma. Francisca Laila Ribeiro Pinto (Examinadora 1)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Marília Daniela Pereira Lino

Prof.^a. Esp. Marília Daniela Pereira Lino (Examinadora 2)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

À minha mãe, Edileusa.

A meu pai, José.

AGRADECIMENTOS

A quem me guia e protege, sou grata por colocar as pessoas certas em meu caminho, sem elas, seria incapaz de alcançar meus objetivos e sonhos. Palavras não expressam a gratidão que me reveste, pela minha saúde, pela minha capacidade, pela minha convicção e pelo meu sucesso.

Sou grata a minha amada mãe, Edileusa, pelo incentivo, apoio e pela motivação dedicada aos meus estudos. Mesmo que, por vezes, minha ausência a machuque. Agradeço também a minha tia, Ediane, que contribuiu na minha criação e desenvolvimento, nunca deixando que faltasse nada. Sou grata a minha irmã e primas, por sempre apoiarem meus projetos. E agradeço, especialmente, aos meus avós, Veriana e Genival, e ao meu pai, José, que mesmo não estando presentes em vida, sei que ainda me acompanham.

Agradeço aos meus amigos, por reconhecerem minhas capacidades e sempre elogiarem os projetos feitos. Sou grata, especialmente, a meu amigo Robson Hércules, por me mostrar que não ando só; A Lucas Braga, que me acompanhou da infância à vida adulta e sempre foi minha dupla nos trabalhos; À Lília Alexandrino, por me ajudar com as dúvidas em relação aos trabalhos acadêmicos, sempre “puxando minha orelha” e me orientando a ser alguém mais responsável; À David Cortez, por ter se tornado um amigo tão querido e que me fazia rir nos piores momentos; À Ana Vitória, por alegrar as aulas chatas e cantar músicas da Disney e RBD comigo. Sou grata a meu (gatito) namorado, Remmeson, por me incentivar a lutar pela minha carreira na educação e nunca desanimar mediante os obstáculos da vida. Também agradeço a minha amiga Emilly, por me apresentar aspectos da vida que levarei comigo para sempre. Agradeço a todos vocês que tornaram essa experiência única e transformadora.

À minha professora, orientadora e mestra, Annie, sou imensamente grata. Sua presença e ensinamentos únicos definiram a minha jornada acadêmica, me guiando para os caminhos da literatura. Agradeço por ter me mostrado o quanto as palavras são poderosas e a liberdade que elas proporcionam. Muito obrigada por não ter desistido de mim, mesmo com minha preguiça e desmotivação. Sou extremamente grata por me orientar no PIBIC, nesta pesquisa, e principalmente, por ter me tornado uma pesquisadora. Sem você, nada disso seria possível.

Sou grata, por fim, à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, esse lugar que foi palco de tantos momentos importantes, onde construí amizades fortes e sinceras, assim como também moldei a estrada para o meu futuro. A todos os professores e funcionários, sou grata. Carregarei comigo as memórias que construímos juntos.

“A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.”

(Evaristo, 2009).

RESUMO

Esta pesquisa objetiva identificar, através da análise do romance *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz, o papel da branquitude na tentativa de branqueamento das personagens pretas da obra. Esse romance é uma narrativa autoficcional na qual a autora cria uma relação singular entre ficção e realidade, transformando seus familiares em personagens que vivem os tempos de escravização e de sobrevivência, diante de um período controlado por ideais nocivos, responsáveis por desenvolver políticas capazes de subjugar e inferiorizar culturas e povos africanos e afro-brasileiros. Dessa forma, buscamos analisar a construção literária para compreender como os tensionamentos estruturais da branquitude atuam no contexto recriado, fazendo as personagens pretas quase negarem suas próprias culturas e raízes. Assim, também verificamos os discursos construídos pela autora, através da análise das personagens de *Água de barrela*, para promover reflexões acerca da literatura afro-brasileira e compreender a sua autoficcionalidade. Tendo em vista tais objetivos, o aporte-teórico adotado fundamenta-se nos estudos de Durão (2015) e Bosi (1988) sobre as possibilidades de interpretação literária, Klinger (2006) e seus estudos sobre narrativas autoficcionais, Duarte (2010) sobre a afrobrasilidade em narrativas contemporâneas, Cida Bento (2022) e o pacto da branquitude, Achille Mbembe (2018) com a necropolítica, Bispo dos Santos (2015, 2018 e 2020) sobre o colonialismo e o eurocristianismo, Kilomba (2008) acerca da experiência negra, memória, linguagem e resistência, e por fim, Frantz Fanon (1952) com a noção de branqueamento da nação. Quanto ao levantamento dos dados, utilizamos uma abordagem qualitativa para fundamentar a análise das diferentes perspectivas presentes no romance. No que diz respeito às compreensões acerca das motivações e ocorrência das ações das personagens na obra, utilizamos uma abordagem explicativa. A partir das análises realizadas, foi possível observar que essa narrativa de Cruz, centraliza-se nas práticas racistas nos períodos de escravização e pós-escravização, enfatizando o poder da branquitude e seu processo de branqueamento necropolítico. Todavia, a partir disso, também reconstrói a luta e a resistência de povos afrodescendentes, esses foram indispensáveis dentro da obra e fora dela, tendo em vista que as classes sociais das personagens pretas tiveram uma significativa mudança, tanto no romance quanto na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Branqueamento; Branquitude; Racismo; Literatura afro-Brasileira; Memória.

ABSTRACT

This study aims to identify, through an analysis of the novel *Água de Barrela* by Eliana Alves Cruz, the role of whiteness in the attempted whitening of Black characters in the narrative. The novel, an autofictional narrative, establishes a unique interplay between fiction and reality, transforming the author's family members into characters who navigate the periods of enslavement and survival amidst harmful ideologies and policies designed to subjugate and devalue African and Afro-Brazilian cultures. Through literary analysis, this research explores how the structural forces of whiteness operate within the novel's reconstructed historical context, leading Black characters to the brink of denying their own cultures and roots. Additionally, it examines the discourses crafted by Cruz to reflect on Afro-Brazilian literature and its autofictional dimensions. The theoretical framework draws on Durão (2015) and Bosi (1988) for literary interpretation, Klinger (2006) on autofiction, Duarte (2010) on Afro-Brazilianity in contemporary narratives, Cida Bento (2022) and the pact of whiteness, Achille Mbembe (2018) on necropolitics, Bispo dos Santos (2015, 2018, 2020) on colonialism and Euro-Christianity, Kilomba (2008) on Black experience, memory, and resistance, and Frantz Fanon (1952) on national whitening. Methodologically, this qualitative study analyzes the novel's diverse perspectives and employs an explanatory approach to understand the motivations and actions of its characters. The findings reveal that Cruz's narrative centers on racist practices during enslavement and post-enslavement periods, highlighting the power of whiteness and its necropolitical whitening processes. Simultaneously, the novel reconstructs the struggles and resistance of Afro-descendant peoples, both within its narrative and in broader Brazilian society, emphasizing significant shifts in the social classes of Black characters.

Keywords: Whitening; Whiteness; Racism; Afro-Brazilian literature; Memory.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2 A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA E A RUPTURA DO SILENCIAMENTO EM ÁGUA DE BARRELA.....	16
2.1 Palavras de libertação: a escrita literária como possibilidade de justiça social.....	16
2.2 Colonização e branquitude: a religião eurocristã como política de morte.....	23
3 O BRANQUEAMENTO E A BRANQUITUDE EM ÁGUA DE BARRELA.....	30
3.1 Políticas de acorrentamento: o legado da escravidão.....	30
3.2 Entre ficção e realidade: a representação da experiência negra em <i>Água de barrela</i>	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	48

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura permite ao escritor desenvolver, através das palavras, a expressão de ideias e de sentimentos. Unindo perspectivas, ela forma conjuntos de conhecimentos indispensáveis para reflexões acerca dos aspectos que integram uma sociedade. A partir da literatura, torna-se possível o ressoar de vozes antes silenciadas, pois as palavras são narradas através da escrita, essa, é um eco do pensar e do falar. Analisando esse viés, em sua composição estrutural, a Literatura afro-brasileira contemporânea apresenta indícios dessas vozes tácitas que foram omitidas. Os descendentes dos povos africanos encontram, no ato de escrever, uma forma de serem não apenas ouvidos, mas também estudados profundamente a fim de compreender as causas das tentativas de silenciamento, de apagamento e de branqueamento do povo negro afrodescendente.

No romance *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz (2016), a autora narra, através da técnica autoficcional, a resistência de seus antepassados que foram sequestrados da terra natal para serem escravizados em uma terra estranha (Brasil) controlada pelos europeus e sua branquitude. Cruz (2016) apresenta os ancestrais como personagens de um romance baseado em uma história real de dor e luta, que foram constantemente mutilados, torturados e machucados, não apenas fisicamente, mas também internamente, quando seus âmbitos simbólicos, espirituais e afetivos foram feridos e quase destruídos. Em cenários escravocrata e pós-escravocrata, a luta, para se contrapor a esses contextos, se tornou parte fundamental do cotidiano das personagens negras da trama.

O processo de branqueamento, especificamente dos povos africanos no Brasil, iniciou no momento em que foram retirados dos seus lares para servirem aos homens brancos. A branquitude, desse modo, é um acordo não verbalizado que sugere ao não branco, a ideia de uma hierarquia racial, tendo como raça superior, a branca. Essa convicção insere na mente da pessoa negra, o pensamento de que a cor branca é bonita, de que a religião cristã é a que representa o Deus verdadeiro que pode salvá-la, de que a sua cultura e raízes devem ser negadas, para aceitar o que lhe fora submetido no momento em que pisara nestas terras usurpadas dos povos originários.

Essa conjuntura teve, por consequência, a negação das identidades negras em relação às suas culturas, religiões e cores de pele, levando-os a acreditar no estigma do branqueamento e no discurso meritocrático da branquitude, fazendo-o abandonar seu povo e suas origens, a fim de priorizar os valores racistas impostos pelos europeus.

Dessa forma, compreende-se que a Literatura afro-brasileira é, para os afrodescendentes, um território para criação e revolta tendo em vista os muitos anos perdidos com suas múltiplas maneiras de apagamento. Para Cruz (2016) essa retomada se faz pela árvore genealógica, demonstrando que as raízes da sua família, e do povo africano a quem pertenciam, não foram apagadas e não desaparecerão, apesar das tentativas. Frente a isso, para o desenvolvimento desta pesquisa, precisamente para identificarmos o papel branquitude no processo de branqueamento das personagens pretas em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz (2016), buscamos as seguintes compreensões: [1] De que maneira a branquitude está atrelada ao necropoder para desencadear o processo de branqueamento no romance? [2] Como o processo de branqueamento é construído em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz?

Em virtude disso, o objetivo geral que fundamentou esta pesquisa se deu através da investigação do processo de branqueamento cultivado pela branquitude em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz. Para tanto, os objetivos específicos buscam: [1] Identificar, na representação da família Tosta, a forma como a branquitude utiliza a necropolítica e a religião cristã, para controlar e subjugar as personagens escravizadas; [2] Compreender a posição social das personagens pretas dentro de uma sociedade racista, nas situações de escravização e de falsa liberdade após a abolição da escravatura; [3] Analisar os aspectos narrativos que configuram as marcas do processo de branqueamento, através do trauma colonial sentido pelas personagens pretas.

Água de barrela desencadeou/a muitas discussões acerca do lugar social pertencente às pessoas negras, tanto durante a época da escravização quanto após, uma vez que não houveram condições materiais para uma verdadeira libertação. Esse descaso reverbera nos dias atuais, pois o povo negro ainda sofre com as mazelas do racismo e da neoescravidão. Essas reflexões trazem para a literatura discussões em torno das posições econômicas e históricas dos afrodescendentes. Talvez por isso o romance chame a atenção de pesquisadores dos estudos literários, especificamente no campo da Literatura afro-brasileira, pois trata-se de uma narrativa escrita por uma mulher negra, e que conta a história de seus antepassados em cenários escravocrata e pós-escravista brasileiros. Esse passado, no entanto, revela ainda uma necessidade de compreender os tensionamentos que levaram a sociedade a adquirir práticas bárbaras. Com isso, Eliana Alves Cruz utiliza relatos orais de seus familiares para ficcionalizar a realidade. Para a literatura, essa maneira de narração transforma os campos literários, permitindo que haja uma ressignificação na escrita, abordando elementos ficcionais relacionados a fatores da realidade, elaborando um ângulo representativo que nasce da voz de autoras negras.

A escolha pelo objeto de estudo literário justifica-se através do interesse em compreender a forma como os fundamentos da branquitude que compõem o funcionamento de uma sociedade discriminatória, tensionam-se de maneira a beneficiar apenas o povo branco, que disseminam seus ideais supremacistas, a ponto de criar políticas de morte que permitem a execução de práticas racistas eugenistas.

Esta pesquisa iniciou-se a partir de uma vaga como voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que teve por objetivo fazer com que o estudante comece a trilhar o caminho da pesquisa. Através da execução do projeto dentro desse programa, na área da Literatura afro-brasileira contemporânea, foi produzido um artigo científico intitulado “O branqueamento e a branquitude em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz”, que teve continuidade através do projeto de pesquisa e, por conseguinte, deste trabalho monográfico.

No que tange o campo dos estudos literários, a Literatura afro-brasileira se mostra necessária para que possamos compreender a pluralidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira. Por meio de narrativas que estão atreladas à realidade, a literatura possibilita críticas sociais. Por esse viés, se faz necessária a análise de obras que representem a realidade e que permitam a discussão de aspectos racistas que estão enraizados na sociedade brasileira. Aspectos esses que atuaram e ainda atuam de forma imponente, tendo como consequência uma série de estigmas relacionados a existência dos povos negros afrodescendentes no Brasil e seu lugar dentro da literatura. Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para a produção de conhecimento dentro dos estudos literários.

Frente a isso, esta pesquisa pode interessar leitores e estudantes da Literatura contemporânea, em específico a Literatura afro-brasileira, pois preocupa-se com a representação das culturas afrodescendentes visando promover reflexões acerca dos estigmas que a envolve, para que, dessa forma, a Literatura afro-brasileira se torne um objeto de estudo de valor irrevogável na prática contra o racismo, produzindo, de maneira significativa, estratégias contra o pacto da branquitude e seu perene processo de branqueamento.

Quanto a análise subjetiva acerca dos comportamentos e pontos de vista que fundamentam as perspectivas analisadas no nosso *corpus*, utilizamos uma abordagem qualitativa. Em virtude dos objetivos desse estudo, também realizamos uma pesquisa explicativa, visto que nos atentamos em identificar, compreender e analisar os fatores que designam ocorrência das ações e motivações realizadas pelas personagens representadas no romance *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz.

No que se refere a pesquisa literária, utilizamos como principais teóricos, Durão (2015), com seus estudos sobre a metodologia científica dentro dos estudos literários; Bosi (1988), explica que a literatura por si só oferece uma gama de possibilidades interpretativas, permitindo assim o estabelecimento de um recorte analítico que fundamentou a busca pelas teorias desta pesquisa e a consolidou como uma pesquisa em estudos literários. Também dialogamos com Terry Eagleton (2006) para discutir a relação entre a linguagem e a dramaticidade em obras literárias; Beth Brait (1985) para entender a personagem como um agente representacional da realidade; Candido *et al.* (1970) que discute a relação entre a ficção e a realidade dentro da literatura e Gancho (2003) que traz a perspectiva das narrativas verossímeis.

Também utilizamos Klinger (2006), para compreender a narrativa autoficcional como uma forma de justiça social; Duarte (2010) para explicar a afrobrasilidade presente nas narrativas literárias contemporâneas; Evaristo (2020), com a noção de Escrivência, para buscar, na escrita de Eliana Alves Cruz, as experiências dos povos afrodescendentes e Fonseca (2020) para analisar como a perspectiva da escrita feminina é construída dentro do romance.

No que diz respeito aos engendramentos sociais, trouxemos o conceito de branquitude, a partir de Cida Bento (2022), para produzir, a partir de um viés realista, análises acerca do comportamento das personagens brancas representados pelos Tosta, no intuito de mostrar como essa concepção supremacista desenvolve a vontade de branqueamento na mente das personagens negras do romance. Também utilizamos teóricos como Achille Mbembe (2018) para identificar a necropolítica presente no romance; Bispo dos Santos (2015, 2018 e 2020) e seus estudos sobre o colonialismo e o eurocristianismo, para compreender a forma que os europeus utilizaram/utilizam o Cristianismo para construir seus princípios dominantes e subjugar os povos negros; Grada Kilomba (2008) para explorar temas profundos relacionados à experiência negra, memória, linguagem e resistência. E por fim, Frantz Fanon (1952), que traz reflexões acerca dos lugares sociais dos negros dentro de uma nação racista, principalmente, a negação das pessoas negras dentro de uma sociedade que o demoniza e/ou o subalterniza, permitindo assim, uma interpretação acerca do processo de branqueamento em *Água de barrica* (2016).

Para um entendimento mais aprofundado sobre o recorte proposto e consideração a outros povos negros, trouxemos John Manuel Monteiro (1994) para delimitação da análise das personagens negras em relação aos povos escravizados no Brasil, levando em consideração os povos indígenas e Prandi e Vallado (2010) para explicar a conceituação de Xangô em relação à justiça.

Este trabalho apresenta dois capítulos teórico-analíticos, trazendo como objetivo central de pesquisa, a análise acerca da branquitude e do branqueamento no romance afro-brasileiro *Água de barrela*, da escritora Eliana Alves Cruz, e elementos teóricos estudados por autores, que juntam suas perspectivas e seus estudos para abordar a branquitude e o processo de branqueamento dentro da referida narrativa.

Dessa forma, o capítulo intitulado como “A escrita afro-brasileira e a ruptura do silenciamento em *Água de barrela*” aborda a escrita literária enquanto estratégia de quebra do silenciamento para os autores afrodescendentes, analisando, desse modo, a escrita da autora de maneira a compreender como as histórias sobre o passado de sua família reverberam no presente e diz respeito ao passado coletivo. Além disso, a Literatura afro-brasileira denuncia práticas cruéis disseminadas pela branquitude. O capítulo mencionado também analisa as políticas de morte desenvolvidas pelos personagens brancos tendo em vista o controle e a submissão das personagens pretas. Frente a isso, compreende-se como os conceitos racistas estão fundamentados em interpretações narcisistas pautados na religião eurocristã.

No segundo capítulo teórico-analítico, intitulado “O branqueamento e a branquitude em *Água de barrela*”, são discutidas as consequências dos atos racistas disseminados. Essas consequências, portanto, desencadeiam um processo de branqueamento. Assim, debate-se essa ideologia como um estigma associado à perda dos direitos humanos e a uma interpretação do branqueamento como legado da escravização das personagens negras. Ainda nesse capítulo, trazemos a questão da falsa libertação, pois analisando as práticas da branquitude no contexto de pós-escravização dentro do romance, apresentamos a perspectiva das personagens pretas em relação a liberdade. Assim, foi possível desenvolver a análise a partir de elementos literários que permitem a compreensão de aspectos como a realidade da luta e resistência negra dentro de *Água de barrela*.

2 A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA E A RUPTURA DO SILENCIAMENTO EM *ÁGUA DE BARRELA*

“Sempre que você vier aqui, me pergunte alguma coisa. Às vezes você sai e eu me lembro de tudo. A cada dia que você me pergunta vou me lembrando... Quem me contou tudo foi minha mãe, foi minha avó, minha bisavó... Eu? Eu era apenas uma menina. Só uma menina” (Cruz, 2016, p. 305).

Este capítulo promove uma reflexão acerca das transformações nos campos literários que contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento de diversas abordagens narrativas, como exemplo, a Literatura afro-brasileira e a narrativa autoficcional, que atuam dentro do universo literário como um agente de justiça, permitindo que haja uma denúncia das práticas racistas, ao mesmo tempo que promove uma manifestação contra tais ações, a exemplo disso, temos o romance *Água de barreira*, de Eliana Alves Cruz.

Ademais, buscamos analisar nuances da sua escrita que estão entrelaçados a aspectos sociológicos, tais como as faces da branquitude e as políticas de morte, para compreender como a obra de Cruz (2016) revela uma denúncia através de uma narrativa que conta a história de seus antepassados (do primeiro a ser escravizado até os dias atuais). Dessa forma, partimos da noção de poder supremacista branco, articulando a religião cristã como uma das formas de exercício do poder sobre as personagens negras no romance.

2.1 Palavras de libertação: a escrita literária como possibilidade de justiça social

Um dos objetivos centrais da literatura moderna e contemporânea é permitir que haja, no ato de escrever, uma flexibilidade no que tange aos campos que compõem a construção de um texto literário. O autor encontra na vertente literária um prospecto de justiça social através de narrativas que se interligam à realidade mantendo um sentido ficcional. Textos assim permitem que haja uma dinamicidade entre a criação literária e a sociedade, gerada pela língua(gem) que fundamenta ambiguidades presentes na Língua Portuguesa e sua elaboração do real.

A literatura é compartilhada com o mundo, portanto, ela é coletiva; mas o texto literário é o objeto pessoal de quem o escreve e é na contemporaneidade que a literatura se mostra aberta a diversas tendências literárias. A gama de possibilidades interpretativas presentes na literatura torna o texto algo individual e importante para a coletividade. As novas perspectivas literárias

trazem, para dentro do campo da linguagem escrita, os múltiplos aspectos contemporâneos que surgem da necessidade de exteriorizar um sentimento ou uma ideia que, dependendo do período histórico na qual a literatura está inserida, apresentará diferentes fundamentos para a construção das narrativas modernas.

Na literatura surgem várias formas de se contar uma história, uma delas é quando a realidade e a ficção se revelam no formato de relato, em uma narrativa autoficcional, descrita por Klinger (2006) como uma escrita de si e do outro, pois apresenta elementos que o envolvem e o representam, mas que não se comprometem com a verdade propriamente dita (como a historiografia, por exemplo). É uma ficção da realidade, uma literatura de si próprio, assim como vê-se em *Água de barrela*:

Akin olhou diretamente para trás. Esta seria a última imagem daquele continente que sua retina registraria. Um vento levantava redemoinhos e folhas secas. Olhou para o alto das palmeiras iluminadas pela lua e sentiu o peito apertar. Todas as lembranças da infância de Iseyin vieram como numa única tela, que entendeu ser preciso apagar ao menos momentaneamente se não quisesse morrer. Embora esta última ideia, a de morte, já não lhe parecesse tão má assim (Cruz, 2016, p. 25).

O fragmento apresenta a personagem Akin (renomeado como Firmino) em um cenário de sequestro. Ao olhar para trás, a personagem retoma as memórias de infância e da felicidade que viveu durante os anos de liberdade. O ato de observar os elementos que nasceram da terra expõe para o leitor a tristeza de ter que deixá-la, principalmente, devido às condições cruéis que estava sendo submetido. Contudo, quando a personagem diz que precisa “apagar ao menos momentaneamente” tais memórias, nessa fala, encontra-se a busca pela própria sobrevivência, pois ir contra a força bruta exercida pela branquitude naquele momento significava a morte do corpo, mesmo que, segundo a autora, a personagem considerasse que morrer não era uma sentença tão horrível se comparada à escravidão que tomaria conta de sua vida.

Em vista disso, Eliana Alves Cruz (2016) utiliza da escrita de si, quando apresenta a narração de uma personagem que existiu na vida real e que faz parte de sua família, assim como suas experiências. Essa forma de escrita aproxima o leitor da realidade, como o fato da escravização de povos africanos e das práticas desumanas decorrentes dela, também traz a ficcionalização, quando insere detalhes, pensamentos, emoções e opiniões na personagem Akin que determinarão o curso do próprio destino e de seus descendentes. Nesse sentido, Cruz (2016) reelabora acontecimentos reais, como o passado de sua família e a escravização dos povos africanos.

A obra de Cruz (2016) traz a descrição das lutas perpetradas pelos ancestrais da autora que foram trazidos da África para serem escravizados em terras brasileiras. O romance em

questão apresenta personagens que dialogam e interagem entre si de forma poética, que não se afastam da ideia principal: fundamentar-se na realidade da própria autora. A autoficção “quer dizer que o sentido de uma vida não se descobre e depois se narra, mas se constrói na própria narração: o sujeito da psicanálise cria uma ficção de si. E essa ficção não é nem verdadeira nem falsa, é apenas a ficção que o sujeito cria para si próprio” (Klinger, 2006, p. 56).

Água de barrela (2016) é um romance da contemporaneidade que expressa a escrita de si e a escrita do outro por intermédio de uma identificação histórica. Essa identificação com o real dentro do texto literário contesta as práticas de tortura e outras políticas de morte desenvolvidas pelos brancos para subjugar os negros e mantê-los em posições subalternizadas. Isso faz com que a literatura contemporânea, e suas vertentes, se transforme em um ato de resistência contra princípios supremacistas brancos. Esse viés denota que a escrita de si é também, portanto, uma escrita do outro, quando relacionada ao campo dos estudos literários como prática de justiça social.

No que diz respeito à interpretação do texto literário, Bosi (1988, p. 275) afirma que “ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é eleger (*ex-legere*: escolher), na messe das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaixe da questão crucial: o que o texto quer dizer?”. Segundo Bosi, se faz importante que o autor, no ato da escrita, esteja atento às ramificações interpretativas desenvolvidas em sua obra, dessa forma, no que diz respeito a literatura como um agente da justiça contra as práticas execráveis da sociedade, o conteúdo produzido será algo significativo tanto para si, quanto para o público leitor.

As transformações nos âmbitos sociais reverberaram também na forma como a literatura insere personagens afrodescendentes em obras literárias¹, uma vez que as reflexões sustentadas por meio da luta pela representação e um lugar de fala na literatura, fez com que vertentes literárias surgissem para resgatar as tradições afrodescendentes que foram invisibilizadas pela branquitude, através dos muitos séculos de disseminação racista. Essa vertente é o que se denomina como Literatura afro-brasileira, visto que “discutir teoria literária em sua acepção

¹ É válido salientar que esta pesquisa se delimita às reflexões acerca da literatura afro-brasileira e também busca focar em análises de personagens africanas e seus descendentes. Abordando a perspectiva histórica geral do Brasil, os povos indígenas também fazem parte dos sujeitos escravizados, visto que os europeus brancos, ao descobrirem sobre as riquezas naturais e as possibilidades de exploração do território recém descoberto, começaram o processo de colonização da terra e dos nativos viventes nela. No entanto, as divergências culturais e a negação dos portugueses em relação às crenças e tradições dos povos originários, acabou desencadeando uma guerra, onde os indígenas lutavam pela preservação da terra, pela segurança do seu povo e, principalmente, pela sua liberdade. Enquanto o branco colonizador lutava pelo direito de escravizar e possuir mão-de-obra indígena para benefício próprio. “Neste sentido, podem-se situar as origens da escravidão no Brasil - tanto indígena quanto africana - nesta fase inicial das relações luso-indígenas” (Monteiro, 1994, p. 18). Em vista disso, os povos indígenas escravizados foram considerados pelos europeus brancos como “negros da terra”, em vigência da comparação com a escravidão dos povos africanos.

mais ampla terá sempre como pressuposto a capacidade que a literatura exhibe para ser algo epistemologicamente produtivo” (Durão, 2015, p. 379). A literatura, nessa ótica, é um instrumento gerador de novos saberes, pois questiona conceitos já pré-estabelecidos, como também amplia a compreensão acerca da realidade e do ser humano, proporcionando um entendimento mais aprofundado em relação às teorias que regem a sociedade.

Assim, é sugerido que a ideia central da literatura, em especial, da afro-brasileira, não se limita a um viés estético ou simbólico, mas procura, também, concretizar elementos afrobrasileiros no nesse âmbito. Desse modo, quando Durão (2015) diz que é inegável o fato de que os estudos literários tiveram uma forte mudança no quesito epistemológico, é possível dialogar com as ideias de Duarte (2010), pois, ao se tratar de uma literatura que busca um público afrodescendente, há, concomitantemente, o desenvolvimento de agentes discursivos que trabalham para quebrar estereótipos discriminatórios que estiveram presentes na forma como a literatura era produzida:

Depois do breve período na praia desabitada, voltaram ao navio e no dia seguinte desembarcaram à noite, passaram a barcos menores e desceram na Praia-do-Chega-Nego. A essa altura, já não era tão fácil desembarcar escravos vindos da África. Ninguém respeitava a lei, mas também não se podia facilitar. **Quando pisou na areia da praia, Firmino sentiu uma energia forte. Agarrou-se com o fio de contas, fechou os olhos e falou em voz muito baixa: - “Xangô é rei, está pisando aqui comigo e cedo ou tarde a justiça se fará”** (Cruz, 2016, p. 29, grifos nossos).

Segundo Duarte (2010), os temas afro-brasileiros e as construções linguísticas são marcas de uma afrobrasilidade que se apresenta sob vários ângulos, trazendo elementos que fazem parte da tradição dos povos afrodescendentes. À vista disto, o trecho citado traz a perspectiva da personagem Firmino (antes chamado Akin) em relação a chegada no Brasil. Os elementos da afrobrasilidade se fazem presentes através da crença em religiões de matrizes africanas e em entidades espirituais não cristãs. Ao dizer as palavras: “Xangô² é rei, está pisando aqui comigo e cedo ou tarde a justiça se fará”; é mostrado a força da crença da personagem na justiça buscada, essa que será provinda não do abandono e da destruição de uma cultura e povo,

² Segundo Prandi e Vallado (2010), Xangô foi o quarto rei da cidade de Oió, pertencente a um dos reinos e povos mais poderosos da África Ocidental, os Iorubás. Após sua morte, seguindo os costumes daquele lugar e época, sua imagem e espírito passou a ser divinizada devido ao seu forte senso de justiça e feitos heroicos realizados em vida. Dentre todos os Orixás que ficaram marcados na cidade de Oió, Xangô foi o mais reverenciado, pois seus filhos (seguidores), levaram seus ensinamentos para os países americanos, através do sequestro e da escravização dos povos africanos. A partir disso, é possível compreender a importância desse Orixá para as religiões afro-brasileiras. Na Umbanda e Candomblé, Xangô é reverenciado como um dos Orixás mais importantes, pois representa justiça, resistência e a luta contra a opressão: “Num mundo de tantas injustiças, desigualdades sociais, marginalização, abandono e falta de oportunidades sociais de todo tipo, como este em que vivemos, o orixá da justiça ganhou cada vez maior importância. Seu prestígio foi consolidado. Reiterou-se a posição de Xangô como o grande patrono do candomblé e grande protetor de todo aquele que se sente de algum modo injustiçado” (Prandi e Vallado, 2010, p. 08).

mas sim, através da ressignificação de valores inferiorizados e do resgate de direitos que foram negados aos povos escravizados e seus descendentes. Como também virá da fé em figuras cultural e religiosamente africanas.

Em vista disso, os elementos da cultura negra se tornam parte fundamental do país no qual foram trazidos. As religiões de matrizes africanas nunca deixaram de ser praticadas por aqueles que acreditavam na liberdade, isso ajudou na resistência do povo africano, que criou raízes nas terras controladas pelos brancos, tornando essa mesma terra uma parte sua, transformando uma cultura estrangeira em uma nacional e coletiva a todos os seus filhos. Com isso, entende-se que:

falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações e reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou no passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (Bento, 2022, p. 25).

A sociedade sofreu muitas mudanças quanto à recepção do povo afrodescendente. A partir disso, escritores afro-brasileiros resgatam uma cultura que ficou silenciada por muitos anos, devido ao racismo, assim como permitem que exista uma identificação e uma representação desse povo dentro da literatura do país que é parte fundamental de suas histórias. Dessa forma, compreende-se que no romance *Água de barrela* (2016) é destacado o ponto no qual a obra sugere que a voz narradora é da própria autora Eliana Alves Cruz, que descreve as práticas cruéis e ações potentes de perseverança.

Segundo Fonseca (2020, p. 61) o ato de *escrever*, “é um espaço que acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes. Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experienciar e do viver”. Em *Água de barrela*, essa dinâmica entre a experiência das memórias vividas e dos relatos contados, insere uma ideia de ressonância de vozes não mais tácitas:

Sempre que você vier aqui, me pergunte alguma coisa. Às vezes você sai e eu me lembro de tudo. A cada dia que você me pergunta vou me lembrando... Quem me contou tudo foi minha mãe, foi minha avó, minha bisavó... Eu? Eu era apenas uma menina. Só uma menina... (Cruz, 2016, p. 305).

As palavras da personagem Nunu, tia-avó da autora, revelam o resgate da história através da curiosidade sobre o passado. Nos acontecimentos narrados pela voz da idosa reverberam também a voz da personagem que foi mãe, que foi avó, que foi bisavó, da pessoa que existiu e que teve sua experiência contada por intermédio da sua descendente, Eliana Alves Cruz. As recordações relatadas pela personagem revelam que, para ela, o passado atua como se

fosse o tempo presente. Desse modo, pode-se considerar que há uma viagem no tempo, principalmente quando se trata da descrição de Nunu em relação aos seus parentes falecidos, uma vez que as vivências deles retornam para o presente em forma de romance literário e as vozes, antes silenciadas pela dor da tortura e da morte, agora se eternizam nas palavras de Cruz (2016).

A escrita, portanto, se configura como o ressoar das muitas vozes que não puderam ser ouvidas, e, principalmente, entendidas. A eternização dessas histórias, transformam-se em atos de revolta e resistência contra o desaparecimento das tantas vivências. A escrita também permite que pessoas discriminadas assumam um lugar de destaque no mundo literário e social, assim como ocorre com a voz de Nunu, pois, “se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também” (Evaristo, 2020, p. 30). A escrita de Cruz é uma manifestação contra o desaparecimento das memórias dos povos escravizados e seus descendentes que nunca puderam falar livremente sobre suas histórias. A voz, que antes fora controlada e designada a acalantar os colonizadores brancos, agora tem por narradora a voz da mulher liberta que embala os seus.

Por meio de uma linguagem que denuncia tais aspectos, pode-se acentuar que os horizontes, para autores que buscam trazer elementos representativos, estão cada vez mais vastos; desse modo, povos de descendência africana têm, a partir de uma narrativa própria, um lugar dentro do universo literário através de uma voz autoral, que se apresenta direta ou indiretamente no discurso construído, esse aspecto é denominado por Conceição Evaristo (2020) como uma escrevivência, pois destaca-se que:

Essa característica marcaria os propósitos da criação literária afro-brasileira e a sua intenção de acolher as experiências vividas por negros e negras na composição de textos que se abrigam em diferentes gêneros. Escrevivência passa então a se constituir como um termo-conceito que legitima a construção de estratégias semelhantes às percebidas por Deleuze e Guattari (1977) como próprias de uma literatura que precisa furar o cerco de intolerância que a reprime (Fonseca, 2020, p. 63).

Partindo do pressuposto de Fonseca (2020), a literatura passa a ser compreendida como uma possibilidade para romper os preconceitos instaurados na sociedade, transformando a escrita em uma base de compartilhamentos de histórias e experiências que, se não preservadas, poderiam ser perdidas, junto com a memória e o tempo de vida de quem as viveu. A escrita de Eliana Alves Cruz, nesse quesito, se configura como sendo uma ficção da vida real de seus antepassados. Suas descrições trazem relatos vividos pelos homens e principalmente pelas mulheres de sua família, que narram o passado carregado pela dor de serem escravizados, assim como a revolta de nascer em uma sociedade que o desvincula de ser um humano.

Pensando nisso, Duarte (2010) destaca que a escrita do povo negro passou por processos de muita censura. No passado, a liberdade de escrever era destinada somente aos brancos, e os negros que quisessem se situar nesse âmbito deveriam adotar a cultura hegemônica predominante para elaborar textos nessa época. No entanto,

tão relevante quanto o “sujeito de enunciação próprio”, em que um eu lírico ou um narrador se autoproclama negro ou afrodescendente, é o ponto de vista adotado. Um bom exemplo pode estar na produção de autores do século XIX remanescentes de africanos, submetidos à hegemonia do embranquecimento como vacina contra a morte socialmente (Duarte, 2010, p. 08).

De acordo com o pensamento de Duarte (2010), pode-se compreender que até ser permitida a presença das vozes das pessoas negras dentro do universo literário, esses foram obrigados a submeterem-se aos padrões brancos. A pessoa de pele preta, buscando situar-se nesse contexto, deveria adotar as maneiras predominantes, pois não poderia fugir do ideal branco, cristão e conservador.

Falar sobre o racismo em um mundo racista se configura, de fato, como um desafio profundo e complexo, dado que as estruturas de poder que sustentam o racismo estão profundamente enraizadas nas normas e valores que a sociedade considera "naturais" e "normais". Essa conjuntura, enquanto sistema de opressão, ainda se faz preponderante na sociedade atual, considerando que ainda fabricam mecanismos de morte. O desrespeito à memória afrodescendente hoje, ainda se reflete na falta de reconhecimento das contribuições históricas e culturais dos negros para a formação dos países explorados pela colonização branca. No entanto, os atos de resistência, afirmação de identidade e luta por direitos, mostram que os espaços sociais negados aos povos escravizados e seus descendentes, vêm sendo retomados, pois como afirma Santos: “Mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade, mesmo que queimem os símbolos, não queimam os significados, mesmo que queimem os corpos, não queimam a ancestralidade. Porque as nossas imagens também são ancestrais” (Santos, 2020, p. 09).

A fala de Nêgo Bispo (como é popularmente chamado) reflete a necessidade de expor o passado através das memórias dos que sofreram e sofrem com as mazelas do racismo. Apesar das variadas tentativas de censura, as memórias dos ancestrais passam pelas gerações futuras e ecoam como uma voz de resistência. Para tanto, a escrita liberta quem sempre viveu aprisionado, e assim como afirma Santos (2020, p. 9), “mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade”. Nesse sentido, Cruz utiliza a oralidade dos seus familiares e cria uma escrita do outro, mantendo a fidelidade dos fatos, mas adicionando um sentido ficcional, transformando o romance em algo íntimo para o leitor:

Percebi que ela, na verdade, vive quase que 90 por cento do seu tempo entre os anos 1920 e 1940, quando era criança e jovem. Fala com os pais, avós, parentes e conhecidos como se estivessem vivos e é capaz de descrever cenários com uma riqueza de detalhes impressionante para uma idosa de mais de 90 anos, que passou por eletrochoque e medicações pesadas a vida toda. Ela não anda sem ajuda e não enxerga, mas seus olhos parecem abertos para dentro dela mesma. Comecei a conversar como se também estivesse vivendo lá, como se estivesse convivendo com todos eles. Bingo! Ao longo de muito tempo conquistando sua confiança, abriu-se o baú de Nunu (Cruz, 2016, p. 309).

Nunu foi a principal fonte de pesquisa para a autora, seus relatos estão inseridos no enredo do romance. As personagens citadas por Nunu e desenvolvidas por Eliana Alves Cruz, são membros de sua própria família, assim como a tia-avó, uma mulher idosa e esquizofrênica, que parece viver em um mundo de fantasia criado na mente em decorrência da doença que a aflige. No entanto, ao pesquisar sobre as histórias do passado familiar, a autora percebe que os devaneios da tia-avó eram fundamentados nas lembranças preservadas por uma força interior.

Nesse sentido, a autora utiliza do aspecto imaginativo para descobrir mais sobre as memórias guardadas na mente da personagem, assim como citado: “Comecei a conversar como se também estivesse vivendo lá, como se estivesse convivendo com todos eles”. Dessa forma, compreende-se que Eliana Alves Cruz constrói a sua narrativa em meio a empatia desenvolvida através dos relatos da tia Nunu. Pode-se considerar que a escrita de Cruz (2016), fundamenta-se a partir das emoções sentidas durante a convivência com os antepassados citados pela idosa.

O método para extrair a verdade foi também o que permitiu criar a narrativa autoficcional, pois, entendendo como o outro se sente, através do ponto de vista dele, é possível criar uma teoria sobre a perspectiva do outro. Dessa forma, vê-se que a escrita reverbera, também, a vivência do outro escravizado, mutilado e invisibilizado. A literatura permite que a história de outra pessoa seja algo considerado para si, isso porque o leitor vê significado na leitura, identifica-se com a história e se sente representado. Assim sendo, o objetivo central é coletivizar a literatura, em relação às histórias de vida compartilhadas, para haver reavaliações quanto às reflexões acerca dos problemas enraizados na sociedade, de maneira a serem destituídos do poder de ação.

2.2 Colonização e branquitude: a religião eurocristã como política de morte

Nos estudos literários é muito comum que encontremos saberes de outros campos do conhecimento. Isso decorre do fato da literatura atuar como uma mediadora entre o texto ficcional e a realidade social. Em vista disso, Durão (2015) destaca que o potencial

epistemológico dos textos literários, estão profundamente interligados a fundamentos sociológicos presentes na sociedade, por isso, disciplinas como Sociologia, Filosofia e História acabam unindo-se à estrutura do texto literário, em consequência disso:

é mesmo possível dizer que cada uma das vertentes atuais da teoria, da hermenêutica ou estética da recepção até os *queer studies*, passando *New Historicism* e pós-estruturalismo, projeta um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de textos ficcionais (Durão, 2015, p. 378, grifos do autor).

Partindo desse pressuposto, a literatura se destaca por interagir com outras disciplinas e outros conhecimentos para gerar interpretações que se sustentarão através da afetividade do leitor e da forma como esse, enxerga o mundo ao seu redor. Em *Água de barreira* há uma dinâmica de poder e subjugação entre as personagens brancas e pretas, onde a branquitude utiliza a religião cristã como uma forma de necropolítica para exercer o controle e a disciplinarização. Bispo dos Santos (2015) defende que esse ato advém do período colonial, onde a religiosidade foi um importante fator para a colonização das pessoas negras, pois a demonização e inferiorização da cultura, do modo de viver, das tradições e da cor de pele decorrem, intrinsecamente, da interpretação narcisista da branquitude sobre seu lugar no mundo, uma vez que, para eles, “a religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida” (Bispo, 2015, p. 12). Por isso precisam ocupar posições de superioridade:

Umbelina teve a filha quando era quase uma criança, com 12 anos, e parece que ganhou este nome - o mesmo de uma das filhas de sinhá Joana - por uma confusão do feitor, pois quando a africana chegou, a sinhazinha tinha falecido recentemente, deixando dois filhos. Todos falavam nela e o homem bruto entendeu que era para batizá-la com este nome. Isto custou o emprego do feitor, sem direito a nenhum pagamento, mas a sinhá achou que era um sinal divino e a pôs para trabalhar dentro do sobrado, pois não poderia ter uma escrava com o nome de sua filha no canavial ou na plantação de fumo (Cruz, 2016, p. 30).

O trecho acima destaca a exclusividade racial através do repúdio demonstrado pelas personagens brancas ao descobrirem semelhanças com o povo escravizado. Nota-se que o branco, comparando-se a imagem e semelhança de seu Deus - inatingível, onipresente, onipotente e poderoso ao ponto de controlar a tudo e a todos - acaba por permitir a entrada da recém nascida escravizada dentro de sua casa por ela ter o mesmo nome da filha branca, essa conexão, pelos princípios brancos, possibilitou que a menina não fosse trabalhar na plantação, adquirindo um pouco de privilégio.

Em virtude disso, compreende-se o que Bento (2022) destaca quando diz que o branco ganha em força e em identidade, visto que este se coloca como “homem universal”, a imagem e semelhança do seu Deus. Partindo dessa lógica, Bispo dos Santos (2015) afirma que o povo

eurocristão monoteísta desenvolve uma ideia de exclusividade racial: o branco passa a acreditar em apenas um Deus, que por ter a semelhança divina, obtém, por conseguinte, o privilégio de se colocar como o povo escolhido para “salvar” o mundo da influência maligna. Por esse motivo, jamais poderiam ser associados a esses “seres inferiores” aos olhos do seu Deus. Assim sendo, na lógica branca supremacista, beneficiar a pessoa negra pelo valor do nome branco é equivalente a superestimar a própria branquitude.

A força dos privilégios concebidos a essa parcela da sociedade mostra que os benefícios direcionados aos negros, não os amparam de fato, mas os direcionam ao pensamento de que a pessoa branca é melhor do que a pessoa negra. Ainda no excerto, o ato do batismo revela a imposição religiosa, eurocristã, sobre os afrodescendentes antes mesmo de seu nascimento. O ato de batizá-lo em uma religião que não o pertence e não o representa, em conjunto da negação do direito dos pais de escolher o nome dos próprios filhos, denota a força de ação da branquitude durante o período escravista. Pois de acordo com Bispo dos Santos:

O colonialismo nomina todas as pessoas que quer dominar. Às vezes fazemos a mesma coisa sem perceber: quando temos um cachorro, por exemplo, damos a ele um nome, mas não um sobrenome. **Os colonialistas dão um nome, mas não dão um sobrenome porque o sobrenome é o que expressa o poder. O nome coisifica, o sobrenome empodera** (Santos, 2020, p. 01, grifos nossos).

O sobrenome, nessa ótica, se mostra essencial para a construção do romance. O engenho no qual as personagens negras são levadas para serem escravizadas na plantação possuía, em conjunto do sobrenome da família que o controla, o nome da santa que, segundo as personagens brancas, abençoam aquele lugar: “Nossa Senhora da Natividade Tosta”. Naquele contexto, apenas os brancos poderiam ter um sobrenome, visto que os negros, ao pisarem em terras brasileiras, perderam as identidades, os nomes, as liberdades e ganharam um preço ao serem objetificados. Suas habilidades físicas passaram a definir o trabalho que eles exerceriam e o tempo de vida que ainda lhe restaria.

Em decorrência disso, Bento (2022) diz que os europeus brancos desenvolveram, a partir da visão supremacista, um acordo comum que visava utilizar a desigualdade natural da relação entre branco e não-branco, para elevar a imagem de si próprio e ressignificar, de forma pejorativa, as culturas dos outros, através de atos de repreensão, exclusão e projeções demonizadas sobre quase tudo o que não os caracterizava. Em *Água de barreira* (2016), identificamos a presença desses aspectos através da branquitude que está inserida nas manifestações de poder exercidas pelas personagens de cores claras:

Dona Joana Maria da Natividade Tosta era uma dama do tabuleiro de xadrez. Sempre com seu bispo ao lado, visto que que era religiosa ao extremo de pensar que foi

verdadeiramente eleita para a santidade. Já enviara muito negro para o tronco por acreditar que estavam praticando as "feitiçarias". Matriarca daquela família com tantos títulos e dona de extensões de terra até onde a vista não alcançava, ela não admitia mistura de espécie alguma e vigiava com olhos atentos à conduta dos muitos filhos, sobrinhos e netos (Cruz, 2016, p. 37).

A personagem Dona Joana Tosta é apresentada como a matriarca da família branca escravista. Sem misericórdia ou compaixão, a mulher é responsável por proporcionar momentos cheios de terror às personagens pretas, cometendo variados crimes contra essas vidas. Nesse cenário, a religião cristã é uma ferramenta para o castigo dos negros por praticarem religiões que não são bem-vistas aos olhos da religião monoteísta. As “feitiçarias”, segundo a personagem, advêm das práticas religiosas africanas trazidas pelos negros escravizados, práticas essas que foram, e ainda são demonizadas.

Bento (2022) destaca que a branquitude se fundamenta a partir de um pacto narcísico. Os brancos, nesse caso, utilizam de seus privilégios para garantir a autopreservação da sua “raça”. Dessa forma, eles demonizam o que não se encaixa no padrão branco europeu e transformam o diferente em algo ameaçador. “Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele” (Bento, 2022, p. 18). Em vista disso, a personagem revela uma conduta impiedosa, utilizando de argumentos como o do privilégio da cor, pois, analisando a posição social entre pessoas brancas e pretas, Joana Tosta considera-se a pessoa responsável por realizar a missão do seu Deus na terra, de espalhar sua palavra e disseminar a religião eurocristã para todos os seres, sejam eles considerados humanos, ou não.

Bento (2022) declara que o processo de colonização teve um papel fundamental para que tais valores fossem constituídos, visto que, durante esse período, a branquitude utilizou incontáveis maneiras para subjugar e controlar os outros não-brancos, ganhando poder sobre as leis, e aumentando sua força de ação mediante outras nações e outros povos:

Analisando a visão do europeu sobre o não europeu, pode-se concluir que aquele ganhou em força e em identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o “homem universal”, em comparação com os não europeus (Bento, 2022, p. 28).

Para Cida Bento, o branco europeu, ao se colocar como o "homem universal", apresenta-se como a referência de humanidade e de civilização. Ele passa a ser visto como parâmetro de comparação que instrui outras culturas e povos a seguirem seus princípios. Nessa lógica, a construção eurocêntrica da branquitude define um contraste hierárquico racial, onde outros povos são frequentemente descritos como selvagens, ou não civilizados. Seguindo essa linha de pensamento, compreende-se que as políticas de morte desenvolvidas pelos brancos são o que

garante a permanência de seu poder sobre a sociedade, pois determinam, de maneira explícita ou implícita, quem tem direito à vida e quem está sujeito à morte, seja por meio de violência direta ou pela marginalização sistemática. Mbembe (2018) argumenta que a vida de certos grupos é regulada pela possibilidade de ser "despojada" da significação da humanidade, assim, é permitida a eliminação física e simbólica desses sujeitos discriminados.

O romance de Eliana Alves Cruz é também uma crítica social ao período escravocrata brasileiro, no qual seus antepassados estiveram à mercê. Em *Água de barrela*, esses engendramentos estão situados, sobretudo, nas ações punitivas provindas das personagens brancas, que utilizam a religião cristã para castigar as personagens negras que se negam a adotar os costumes e as crenças eurocristãs:

Pois bem - disse a senhora - você não quer orar. Você se recusa a aceitar a Santa Mãe de Jesus em seu coração. Nossa Senhora da Natividade, da Conceição, das Dores e de todos nós! Muito bem, Felipa, muito bem... Respeitarei sua vontade... Estendeu a mão direita e o feitor depositou nela uma faca brilhante, grande e tão afiada que feria só por encostar. Num só golpe, ela cortou a língua da escrava. Enquanto o sangue jorrava e os homens se preocupavam em estancá-lo, a senhora continuou recitando, altiva, enquanto caminhava de volta a casa, com a saia manchada de vermelho, sob os olhares de pavor de alguns, choros contidos e ódio mal disfarçado de outros: "- Rainha dos anjos, rainha dos patriarcas, rainha dos profetas, rainha dos apóstolos, rainha dos mártires, rainha dos confessores da fé, rainha das virgens, rainha de todos os santos, rainha concebida sem pecado original, rainha assunta ao céu, rainha do santo rosário!" (Cruz, 2016, p. 38-40).

No fragmento citado, nota-se que a religião cristã é usada como uma ferramenta de morte, esta, é responsável por punir o escravizado que se rebela contra as tentativas de aculturação. A personagem branca utiliza da força de seus privilégios para segregar a escravizada dos demais negros, ordenando que seus subordinados a obedeçam, realizando o ato de tortura que foi pensado pela mente branca, através da interpretação narcisista da personagem sobre o seu lugar na sociedade. Então, Joana Tosta se enxerga enquanto figura santa, responsável por aniquilar o mal da terra e purificar o mundo. A religião cristã, nesse caso, é usada pela personagem como mecanismo que gerou os castigos, permitiu a prática da mutilação e a execução da morte.

Segundo Mbembe (2018), as ferramentas de morte são objetos produzidos especificamente para realizar essas práticas punitivas. A criação dos instrumentos de tortura prova a negligência administrativa dos órgãos de governo quando o assunto eram os povos pretos, e principalmente, os povos escravizados. Mediante o medo da dor dos castigos oferecidos, as ferramentas tinham o objetivo de dominar, através da força bruta, os corpos dos outros não-brancos e fortalecer os valores colonialistas nessas pessoas.

Quando se nega a proferir palavras que saem da boca da mulher branca, a personagem Felipa representa a revolta e a resistência dos escravizados. O direito de falar, nesse quesito, está condicionado àquele que nasceu com a possibilidade de usufruir da liberdade sem o medo da escravidão, da tortura e da morte violenta. De acordo com Kilomba (2019), a boca é um dos órgãos mais importantes, pois permite a fala dos pensamentos, a enunciação. Por isso, quando inserida no âmbito do racismo, a boca se torna o que os brancos almejam manter sob controle, sendo historicamente censurada por meio de ferramentas e tecnologias que tentam silenciar a resistência dos povos negros. Como exemplo a essa forma de censura, a máscara de flandres era um símbolo da opressão e do terror imposto aos escravos, uma peça de metal ou couro que cobria a boca e o nariz do escravizado que se rebelasse. Dessa maneira, nota-se no fragmento citado, que a personagem Felipa, é silenciada ao ter sua língua retirada. Suas palavras, crenças, e seus pensamentos permanecem apenas em sua mente.

A branquitude lhe rouba o direito de efetuar a resistência através da oralidade. Provocando consequências não somente na personagem torturada, mas também em todos os negros que praticam as mesmas religiões. Essa medida serviu de castigo exemplar para amedrontar os escravizados que ansiavam pela liberdade e sentiam a necessidade de lutar contra o sistema opressor que os aprisionava. Sistema esse que representa os aspectos ilusórios e imaginativos criados pela branquitude para reconfigurar e inverter os valores sociais a favor e em benefício próprio. À vista disso, Kilomba diz:

Não é com o *sujeito negro* que estamos lidando, mas com as fantasias *brancas* sobre o que a *negritude* deveria ser. Fantasia que não nos representa, mas, sim, o imaginário *branco*. Tais fantasias são os aspectos negados do eu *branco* reprojatados em nós, como se fossem retratos autoritários e objetivos de nós mesmas/os (Kilomba, 2019, p. 38, grifos do autor).

O branco, nesse quesito, cria a ideia de um inimigo ficcional, uma ameaça iminente que precisa ser combatida. Achille Mbembe (2018) nomeia essa abstração como *política de inimizade*, onde duas raças distintas não poderão entender-se, pois uma delas utilizará de seu poder social para tentar inferiorizar a outra, ao ponto de criar leis que os permitam matá-los, ou escravizá-los. Dessa maneira, a branquitude cria a ideia e a imagem do inimigo que precisa ser combatido, sendo também necessário destruir tudo o que o representa, pois o que não se encaixa no conceito de cultura, religião e tradições brancas cristãs, é quesito para subjugação:

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (Mbembe, 2018, p. 05).

Nesse quesito, a branquitude é a vertente que representa o poder máximo dentro do romance, é ela quem cria as políticas que permitem a utilização de ferramentas de morte. É ela quem desenvolve leis que são responsáveis por matar as pessoas negras. A soberania, segundo Mbembe (2011), está nos atos de repreensão brancos, no racismo colonial, no direito de criar essas leis supremacistas. Portanto, as personagens negras estão condicionadas à obediência, à censura e à submissão. Enquanto as personagens brancas se mostram confortáveis tendo em vista que possuem, em suas mãos alvas, o direito de deixar viver e o deixar morrer. Essas se revelam partes de um mesmo esquema, contribuindo para a permanência da desigualdade social.

É necessário que a literatura mantenha esse papel de denúncia das práticas racistas e defesa da justiça social, pois, dessa forma, no ato da leitura, os leitores se orientam através de um viés não-branco. E o escritor, na ação da escrita, terá sua voz difundida. O processo de branqueamento, portanto, terá um fim, pois as reflexões acerca das nuances que estigmatizam as culturas afrodescendentes, promovem fortes reformulações identitárias na sociedade, a partir da representação, da identificação, e principalmente, do reconhecimento do racismo enquanto princípio a ser erradicado.

3 O BRANQUEAMENTO E A BRANQUITUDE EM *ÁGUA DE BARRELA*

“-Xangô é rei. Está pisando aqui comigo, e cedo ou tarde a justiça se fará (Cruz, 2016, p. 301).

Este capítulo dá continuidade a análise de *Água de barrela* a partir da noção de branqueamento. Mediante as práticas racistas, a branquitude insere a ideia de superioridade racial branca na mente das pessoas negras, despertando o desejo de se tornarem brancos. Essa vontade decorre da desigualdade social e do desprezo histórico pela cultura e pela cor de pele negras. A análise se fundamenta nas cenas em que as personagens negras negam às próprias identidades, o que leva a interpretação do processo de branqueamento como uma ferida ainda não cicatrizada, que teve origem nos tempos do cativeiro, e que devido às múltiplas facetas do racismo, implica na rejeição das características associadas à própria cultura e ancestralidade, advinda de uma hierarquização de cor da pele imposta pelos brancos. Reforçando, desse modo, as ideias de superioridade da cultura branca de cariz europeu e da inferioridade da cultura negra africana/afrodescendente.

Na segunda seção deste capítulo teórico-analítico, utilizamos elementos literários para a realização de análises acerca da construção das personagens negras dentro do romance, a fim de compreender a forma que Eliana Alves Cruz utiliza a força da literatura e da linguagem para promover uma relação entre a realidade e a ficção. Essa seção permite que o leitor compreenda a maneira em que a verossimilhança está presente no romance, para identificar as estratégias linguísticas acerca de assuntos que devem ser discutidos na literatura e na sociedade. Em geral, esses elementos literários serviram como um aporte teórico para compreender a estruturação da resistência e luta das personagens negras em *Água de barrela* (2016).

3.1 As políticas de acorrentamento e o legado da escravidão

Em *Água de barrela*, na relação entre brancos e negros há um estigma que nasceu do sequestro da liberdade e que perdura nos tempos atuais. Esse estigma, denominado como racismo, durante quatro séculos, manteve as pessoas negras escravizadas para que os brancos vivessem confortavelmente e acendessem economicamente. A branquitude é protagonista do enredo que circunda a posição social das personagens pretas no romance, pois as insere em lugares de subjugação, tornando-se assim, a antagonista que destrói as esperanças e a vilã que dificulta a sobrevivência. Na narrativa, esses aspectos se apresentam de maneira a comprovar as designações pejorativas da branquitude em relação ao povo negro afrodescendente:

As duas meninas brincavam juntas. Até que foram entrando na puberdade e, embora Maricota mostrasse que a preferia entre todas as outras negrinhas e trocava até as amigas filhas de donos de engenho por ela, Martha não demorou a perceber o fosso separando as duas. A preta Dasdô, observadora que só, sentada em um toco de madeira, mascava seu fumo vagorosamente, acendia o cachimbo e apertava os olhos mirando Martha e Maricota, enquanto Anolina estendia roupas num enorme varal. A branca sinhazinha passava bonecas importadas para a negra pentear, vestir, alimentar, lavar... (Cruz, 2016, p. 121).

No fragmento acima, nota-se que a criança branca direciona o papel de empregada à criança preta. “Pentear, vestir, alimentar e lavar...”, para a personagem Maricota, todas essas ações são papéis de pessoas negras. Pode-se considerar que as posições foram passadas a ela como algo banal, provinda da naturalização das pessoas negras como serviçais. O poder perpassa por gerações de filhos e netos, que constroem uma rede de apoio desenvolvida por leis e políticas criadas para proteção e preservação próprias, assim, os sujeitos brancos assumem os lugares de patrões e senhores. Quanto às pessoas negras, foram designadas à servidão, restando duas opções: a da obediência, ou a morte.

Nesse sentido, Bento (2022) diz que o trabalho doméstico data dos tempos da escravização, onde o papel principal dos negros era o de servir e de produzir. Assim, esse trabalho era destinado à mulher negra, que eram as responsáveis por todos os trabalhos da casa (grande) dos europeus, incluindo a criação dos filhos dos brancos, levando a essas mulheres negligenciarem a criação dos próprios filhos para priorizar as dos brancos.

Como o tempo no romance, este trabalho atravessa os séculos e percorre gerações, é um movimento necessário para a preservação do lar. No entanto, no livro, é incabível que mulheres brancas assumam tal responsabilidade, pois a construção do espaço social que se inserem, ressoa a dependência física que os brancos possuíam em relação à mão-de-obra negra. Para tanto, a branquitude busca formas de inverter esses valores de cuidado que são destinados às mulheres. Para livrar-se da tarefa, reavaliam o conceito de “dona de casa”, transformando os afazeres domésticos em ações indignas para serem realizadas por mãos brancas. Nesse quesito:

Poderíamos dizer que no mundo conceitual *branco* é como se o inconsciente coletivo das pessoas *negras* fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da *negritude* às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes (Kilomba, 2008, p. 39, grifos do autor).

Assim, nota-se que em *Água de barreira*, uma das práticas racistas da branquitude, quanto ao cenário feminino branco, é inferiorizar tarefas executadas pelas mulheres negras, isso as livram do trabalho, criando uma hierarquia social fundamentada em valores invertidos relacionados ao papel da mulher dentro do lar. Dessa forma, elas alienam a mente das meninas

negras, fazendo-as acreditar que ações desvalorizadas pela branquitude como servir, limpar, lavar e organizar, são obrigações das pessoas negras, uma característica que lhe perseguirá por toda uma existência, enquanto a cor de sua pele for desígnio para o desrespeito. As consequências desses atos, portanto, desencadeiam um processo de branqueamento na mente das personagens negras, pois a forma como se comportam, como falam e como interagem com as personagens brancas e o mundo ao seu redor, destacam a inferioridade que sentem em relação àquele povo:

Cecília não queria a incerteza do que viria caso aquele plano vingasse. Não queria a sorte de cair em algum canavial ou nas mãos de outros donos que não sabia como seriam ou poderia ser presa, torturada e morta como parte daquilo tudo. Já conhecia cada mania, cada pequena crueldade e como lidar com aquela gente. Embora ainda fosse jovem, não iria recomeçar àquela altura da vida. E estando dentro da casa-grande, foi muito fácil fazer os senhores saberem o que estava para acontecer (Cruz, 2016, p. 69).

O processo de branqueamento começa quando o negro perde o orgulho da sua cor, da sua cultura e da sua ancestralidade. Os escravizados, principalmente, sofreram as torturas e os castigos por se rebelarem contra a ordem imposta. No fragmento acima, a personagem Cecília é uma mulher escravizada que trabalha dentro da casa grande, observando de dentro as ações dos senhores, sobretudo, seus comportamentos, seus privilégios e seu poder sobre a vida das pessoas negras. Esse poder é suficiente para ceifar sua vida, ou torná-la pior do que já é, por isso a traição contra seu povo foi uma forma de autoproteção. À vista disso, a autopreservação pode ser enquadrada como uma forma de branqueamento pois, ao trair seus iguais, Cecília contribui para a permanência do poder branco, bem como coopera com as políticas de morte implementadas. Controlada pelo medo (principal afeto para transformar a mente do ser humano), Cecília foi obrigada a renunciar seu povo.

Observa-se também, que em *Água de barreira*, a questão do reconhecimento é algo que está em constante evidência, ao serem escravizadas, as personagens negras perdem suas identidades. É na tentativa de sobrevivência, portanto, que o orgulho negro também é perdido, visto que:

Uma relação desigual é estabelecida ao mesmo tempo em que é afirmada a desigualdade do poder sobre a vida. Esse poder sobre a vida do outro assume a forma de comércio: a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu senhor.³⁴ Dado que a vida do escravo é como uma "coisa, possuída por outra pessoa, sua existência é a figura perfeita de uma sombra personificada. Não há luta aberta entre o branco e o negro (Mbembe, 2018, p. 29).

Com isso, a sombra personificada, descrita por Mbembe, é o desejo de tornar-se branco, de tornar-se o patrão e de se livrar das mazelas da escravização, assim como provém do peso que é ser uma pessoa negra dentro de uma sociedade que o desumaniza. Essa sombra é construída no enredo do romance através das personagens negras que buscam agradar os senhores, mesmo que isso as torne inimigas da própria causa.

Fanon (1952) menciona que para o senhor branco reconhecer o negro como escravo não requer luta. Em contrapartida, o escravizado busca a todo custo ser reconhecido pelo branco, isso interfere na sua maneira de pensar e agir em benefício da própria “raça”, assim, a pessoa negra imerge em uma busca incansável para apagar-se, contribuindo para o desaparecimento da cultura e tradição do próprio povo. Considerando essa relação, a literatura pode ser um território para preservação e transformação das culturas discriminadas, pois:

O homem só é humano na medida em que busca se impor a outro homem, afim de ser reconhecido por ele. Enquanto não for efetivamente reconhecido pelo outro, é esse outro que permanece o tema de sua ação. É desse outro, do reconhecimento por parte desse outro, que dependem seu valor e sua realidade humana. É nesse outro que se condensa o sentido de sua vida (Fanon, 1952, p. 227).

O apontamento de Fanon reflete uma análise sobre a dialética do reconhecimento e a construção da identidade humana. Assim, é possível compreender que a busca pela aprovação está interligada com a imposição de valores brancos. Com isso, uma relação de dependência emocional está construída ali: a vida do indivíduo está condicionada ao reconhecimento do outro. Em *Água de barreira*, a experiência do negro nos contextos colonial e pós-colonial é resumida em uma constante desvalorização da negritude. A identidade e a segurança de personagens como Cecília, por exemplo, dependem do reconhecimento do branco. Essa sensação de inferioridade amplia as ideologias supremacistas, pois a branquitude faz desse reconhecimento uma ferramenta de exercício do poder. Desse modo, o negro, percebendo a atuação colonialista do outro, cria na mente um complexo de inferioridade, onde ele deseja não fazer parte do povo que sofre, que é mutilado, silenciado e invisibilizado:

Certa manhã, Isabel na beira do rio Paraguaçu estava tão desconsolada que partiu resolvida a fazer o mesmo que o velho José Hauçá evitara que Firmino fizesse... Não fosse Firmino tão forte, iriam os dois para sempre morar no fundo do poderoso rio... Isabel e Firmino se jogaram na margem arfantes, exaustos e, passados os primeiros momentos de cansaço, ela desatou em novo pranto desesperado. Desta vez, ele não discutiu, não argumentou, não repreendeu. Deixou que ela desabasse toda a dor não só por Roberto, mas por uma existência (Cruz, 2016, p. 70-71).

Nesse trecho, há uma ação limite em que a personagem Isabel atenta contra a própria vida em um ato desesperado de livrar-se do sofrimento que a cerca. Essa realização da personagem é o resultado das ações desumanas da branquitude que nega direitos básicos como

a preservação da dignidade. “Deixou que ela desabasse toda a dor não só por Roberto, mas por uma existência”. A ideia de existência é resumida a dor e a agonia dos anos de escravização, estupro do corpo e abusos psicológicos que foram direcionados não somente a Isabel, mas também às parentes da autora e às outras mulheres apresentadas no romance. A perda da liberdade é a configuração da perda da própria vida para Isabel, não há um motivo para continuar suportando as agruras de um mundo que mata seus iguais. Nesse sentido para Battaille *apud Mbembe*:

a soberania tem muitas configurações. Mas, em última análise, é a recusa em aceitar os limites a que o medo da morte teria submetido o sujeito. O mundo da soberania, Bataille argumenta, “é o mundo no qual o limite da morte foi abandonado. A morte está presente nele, sua presença define esse mundo de violência, mas, enquanto a morte está presente, está sempre lá apenas para ser negada, nunca para nada além disso. O soberano”, conclui, “é ele quem é, como se a morte não fosse... Não respeita os limites de identidade mais do que respeita os da morte, ou, ainda, esses limites são os mesmos; ele é a transgressão de todos esses limites” (Battaille *apud Mbembe*, 2018, p. 127).

Partindo desse pressuposto, compreende-se que o medo da morte é o que concerne poder a branquitude, é visando estabelecer relações de medo e submissão, que eles conseguem impor as políticas que, em vida, aprisionam o corpo e ferem a alma. A morte está para ser negada, e a obediência está para garantir que a morte não seja realizada. Segundo Mbembe (2018, p. 18), “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado”. Em vista disso, os castigos facilitam a aceitabilidade do fazer morrer e fortalece o medo da morte. Apesar disso, na construção narrativa de Cruz, a dor da existência é o lamento pelos quatrocentos anos de sofrimento e morte de um povo que teve que lutar por liberdade desde que foram sequestrados da terra natal. O corpo suporta, mas a mente e a alma se deterioram a ponto de não ter espaço para o desejo de viver. Essas práticas de morte se camuflam no tempo presente, tomam espaço quando se tem a consciência de que o racismo ainda existe e que a justiça e as políticas protetivas não são tão eficazes quanto deveriam.

Em *Água de barrela*, visando criar uma sociedade hegemônica espelhada em si, a branquitude implanta na mente das personagens negras a ideia da superioridade, desenvolvendo assim o processo de branqueamento, que é o ato de negar a origem, a cor de pele e as culturas das pessoas negras:

Seus olhos também já não eram os mesmos, mas registravam muito bem o brilho das roupas imaculadas que a circundavam naquele dia de festa. Aqueles moços e moças que ali estavam, certamente, nunca tinham visto uma barrela - aquela água com cinzas de madeira que se colocava na rouparia para branqueá-la... No fundo, ela achava que o que se queria mesmo era que tudo fosse mergulhado nessa água que branqueia: As

roupas, as vidas, as pessoas... Todos mergulhados na água de barrela... (Cruz, 2016, p. 15).

A personagem Damiana nasce durante o período de abolição da escravatura, sem a corrente que circulou por tanto tempo o tornozelo de seus familiares. Ainda assim, os senhores não pouparam esforços para mantê-la prisioneira. A cena é desenvolvida mediante a comemoração do seu centenário, um século de muita luta pela sobrevivência. Esta que dependeu da água de barrela usada para alvejar as roupas brancas dos muitos patrões que teve. As atividades de lavar e passar, inferiorizadas pela elite branca, mantiveram o sustento das mulheres da família de Damiana. Com um esforço árduo, durante muitos anos de trabalho pesado, conseguiu mudar o cenário sócio-econômico de sua família. Quando citado “seus olhos também já não eram os mesmos”, vê-se que a ingenuidade do começo da vida perdeu-se nos caminhos para a barrela. Passou uma existência assistindo os brancos usufruindo de benesses que ela jamais teria, e isso, de certo modo, a amargurou.

A água de barrela que intitula o romance era uma água que branqueava as roupas, mas também os desejos da personagem matriarca. Ela imaginava a possibilidade de mergulhar seus familiares nessa água para todos ficarem brancos. Isso reflete o desgosto que sente em relação ao sofrimento vivido. A vontade de branqueamento se apresenta como uma cicatriz profunda em Damiana, que carregou consigo o legado do acorrentamento da escravidão. Dado o exposto, Grada Kilomba (2008) diz que é decepcionante ser-se obrigado a observar o outro como um espelho do que se almeja ser:

Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial. Essa deveria ser nossa preocupação. Não deveríamos nos preocupar com o *sujeito branco* no colonialismo, mas sim com o fato de o *sujeito negro* ser sempre forçado a desenvolver uma relação consigo mesma/o através da presença alienante do “outro” *branco* (Hall *apud* Kilomba, 2008, p. 39, grifos do autor).

Partindo dessa ótica, pode-se considerar que Damiana almejava não mudar quem é em decorrência de como foi tratada, pois a personagem já demonstra conformidade com as agruras da vida, ela deseja que seu passado não seja o futuro dos seus descendentes, e o sofrimento vivido por si não recaia sobre o dos seus filhos e netos. À parte isso, é lamentável perceber que esse desejo está fundamentado no abandono do “eu negro” para o tornar-se um “eu branco”.

Esse sentimento de auto negação provém dos tempos do cativo, segundo Fanon (1952), as colônias mantinham um ensino rigoroso contra a negritude. Com isso, “por vinte anos se dedicam com seus programas a fazer do negro um branco. Ao fim, eles o liberam e lhe dizem: indubitavelmente, você tem um complexo de dependência diante do branco” (Fanon,

1952, p. 227). A dependência vem dos tempos escravistas, da falsa liberdade datada de uma lei mal elaborada que não ofereceu recursos materiais para que os negros pudessem se estabelecer dignamente na sociedade. Essa lei permitiu a continuidade (mesmo que velada) das práticas violentas contra o povo afrodescendente, tendo em vista as constantes perseguições. Para tanto, *Água de barreira* recria a relação de inferioridade e de superioridade, como um laço subjetivo construído através dos séculos de convivência alienante e do apego emocional desenvolvido mediante as manipulações e chantagens.

3.2 Entre ficção e realidade: a representação da experiência negra em *Água de barreira*

Na literatura, as palavras elaboram reflexões poéticas dos pensamentos e das falas, ditas na prática da linguagem comum, com experimentos variados. Escrever um texto literário é exprimir um ponto de vista acerca de tema(s), mais do que isso, aprofunda a discussão sobre um assunto por mais de um viés interpretativo. Essa compreensão decorre da visão do leitor que decifra as ambiguidades deixadas pelo autor em seus textos literários, mesmo que despercebidos por ele mesmo.

De acordo com Eagleton (2006), isso decorre pelo fato de a literatura atuar como um agente transformador em relação às palavras narradas. Ela intensifica a escrita de maneira a afastá-la do cotidiano superficial, pois a linguagem literária é poética e, por vezes, complexa. Em *Água de barreira*, por exemplo, há uma escrita dramática construída para despertar sensações e emoções como a revolta e a empatia, a partir de cenas descritivas, vivenciadas por personagens que são baseadas em pessoas reais. Provocando, no leitor, uma vontade de justiça:

Dasdô passou Damiana para o colo de Adônis e se curvou para levantar Martha do chão, exatamente como fez com Anolina no dia do nascimento de Damiana. Envolveu a menina com o abraço mais apertado que pôde oferecer. Ela não conseguia parar de chorar, e suas lágrimas podiam encher várias taças fundas, as mesmas que se completavam com vinho em alguma sala elegante naquele mesmo momento (Cruz, 2016, p. 142).

No trecho acima, é notório que a interação entre as personagens vem do acolhimento de uma filha que acabara de perder a mãe de forma cruel. Todo o conjunto da cena causa uma sensação desagradável em quem lê, pois o romance mostra toda a vida das personagens, desde o momento de seus nascimentos até a chegada de suas mortes. A voz que narra retoma as memórias de afetividade vividas entre as personagens, o que remete à saudade que será sentida a partir daquele momento pela filha e pelos amigos que ficaram. O abraço desperta a necessidade de consolo pela perda de um ente querido. Essas sensações são conhecidas pelos

leitores que passaram momentos semelhantes, dessa maneira, sentem a dor (que é real) da personagem (que é fictícia). As palavras ali inseridas carregam o peso de seus significados.

As possibilidades interpretativas oferecidas pela literatura se dão a partir de uma narração que sensibiliza o leitor e o faz se identificar com as personagens ali presentes, isso porque, a partir dos sentimentos humanos, o escritor cria cenas emotivas que fazem o interlocutor colocar-se dentro da história e vivenciar os cenários através da imaginação. Isso é possível por conta da escolha coesa dos conjuntos de palavras utilizados na construção do texto e da estrutura desenvolvida a partir da criatividade. Beth Brait (1985) define que ao abordar tais questões, o sujeito é levado para o universo da linguagem, visto que o ser humano cria variadas maneiras para reproduzir sua relação com o mundo. Nesse sentido, o humano simula, através da literatura, uma realidade que percorre as ramificações dessa relação e então vincula a sua existência ao texto literário.

Para Eagleton (2006), a literatura impõe essa consciência dramática na linguagem, pois retira-se, da dramaticidade, a interpretação e a ambiguidade do texto literário, que surge do sentimento humano e das interpretações psicológicas realizadas mediante a própria sensibilidade emocional do leitor. Uma vez que esse, juntando conhecimentos midiáticos, conceitos literários e sentido abstrato das coisas, cria uma rede de possibilidades interpretativas vinculadas a outras áreas do conhecimento. Dessa forma, a literatura “renova as reações habituais, tornando os objetos mais “perceptíveis”. Por ter de lutar com a linguagem de forma mais trabalhosa, mais autoconsciente do que o usual, o mundo que essa linguagem encerra é renovado de forma intensa” (Eagleton, 2006, p. 06).

Assim, no trecho: “suas lágrimas podiam encher várias taças fundas”, tal conjuntura denota a utilização de figuras de linguagem que trazem poeticidade para dentro da prosa de Cruz. A metonímia, nesse sentido, é utilizada no fragmento para distanciar o texto da linguagem concreta, evitando que ele se torne apenas um enunciado, ao mesmo tempo o aproxima de uma ideia abstrata e figurativa. De modo que a presença da hipérbole no trecho citado também exibe seu papel como um intensificador para a dor da personagem, pois o sentido alegórico encaminha o leitor para a interpretação de uma perda irreparável e, por isso, suas lágrimas escorrem abundantemente.

É possível compreender, no mesmo excerto, que o sentido figurado utilizado na escrita atua na mente de forma concomitante, quando se interpreta que, as mesmas lágrimas derramadas sob o corpo sem vida da mulher negra enchiam as taças de vinho dos senhores brancos. No entanto, essa interpretação se torna figurativa, pois sabe-se que as taças estão com vinho, apesar disso, o sentido figurado permite compreender que aquelas taças estavam cheias,

também, do sofrimento dos povos que lutavam por liberdade. Esse ato de brindar as perdas alheias, também permite compreender o espaço social entre uns (brancos) e outros (negros), uma vez que, durante o choro das pessoas negras, os brancos brindam e comemoram o sofrimento dos outros.

Gancho (2003) argumenta que os fatos dão vida à história. As personagens, portanto, são agentes que estruturam as interações desses fatos para que o enredo seja desenvolvido. Assim como afirmam Candido *et al.* (1970), esses fatos são vividos pelas personagens em um determinado lugar e durante um determinado tempo. Por esse motivo, a presença de um narrador se torna essencial para a caracterização da narrativa. Em *Água de barreira*, o papel da narradora é fundamental, pois é ela quem narra o enredo, quem apresenta as personagens, descreve suas interações e revelam as verdades ocultas. Conquanto, Gancho (2003) ainda diz que:

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (*causa*), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (*conseqüência*). A nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma conseqüência (Gancho 2003, p. 07-08, grifos do autor).

A verossimilhança, descrita por Gancho (2003), traz o universo real para dentro do texto literário. No contexto do romance essa verossimilhança surge como um retrato do período escravocrata, pois Eliana Alves Cruz traz as vivências de seus familiares contadas pela voz da tia esquizofrênica, assim, a personagem, que também é uma pessoa que viveu na realidade, confabula sobre suas experiências e sobre as de pessoas que a acompanharam durante sua vida, descrevendo o espaço de um tempo não pertencente a narradora/autora, mas que é parte intrínseca de sua história.

A partir desses relatos, Cruz (2016) cria uma ficção da realidade, pois as personagens estão em um contexto real, mas sua maneira de falar, agir e interagir com outras personagens são inventados, baseando-se em fatos da realidade para criar um universo verossímil, que não se distancia dos acontecimentos verídicos. “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (Candido *et al.*, 1970, p. 04)

A relação de causa e consequência se dá pelo fato de, no enredo, ser necessário a coerência dos fatos estabelecidos ali, para que as ações das personagens não se tornem

infundadas ou sem sentido. Desse modo, os acontecimentos do romance não se tornam confusos. Candido *et al.* (1970) dizem, portanto, que não é surpresa a personagem ser a vida do romance, pois, é a verdade da personagem que leva o autor a interpretar as subjetividades presentes nos textos literários. Aceitando o ponto de vista da personagem, o leitor passa a enxergar por uma ótica empática, visto que está tendo contato com a construção de uma opinião baseada em aspectos conceituais que foram misturados com elementos da respectiva realidade. Dessa forma, é preciso que o texto literário esteja estruturado de maneira a deixar evidente os objetivos das personagens, para que as consequências sejam aceitas como verdade pelo interlocutor.

Em *Água de barrela*, a personagem Damiana é beneficiada com a liberdade. Diferente de seus antepassados que passaram pelas mazelas da escravização, ela nasceu no período pós-escravatura. As oportunidades pareciam estar mais abrangentes e o mundo mais aberto para pessoas como ela. Sua mãe, Martha, negociou a entrada em uma escola para que a personagem recebesse educação formal, apesar disso, a realidade se revelou diferente do esperado:

Damiana recebeu no Colégio Nossa Senhora da Salette um verniz de educação. Quando saiu, tinha noções de francês e de piano, sabia ler razoavelmente bem e tinha uma bonita letra. A moça talvez pudesse ter sido uma aluna brilhante se não tivesse que recolher, junto com outras alunas na mesma condição que ela, tudo o que as mais abastadas sujavam. Talvez pudesse mesmo ter aprendido muito se a capela não fosse um lugar em que se ajoelhava para orar, mas principalmente para deixar brilhantes os assoalhos. Quem sabe não aprimorasse seu gosto por música se pudesse ter aulas práticas, além de apenas observar as que aprendiam de fato. Os bordados poderiam ter ficado mais caprichados não fossem as mãos constantemente enrugadas pela lavanderia do colégio inteiro. Não se queixava: aquilo era muito mais do que poderia sonhar sua mãe, sua avó ou qualquer moça em sua situação. Tratava de devorar todo o conhecimento que pudesse obter, mesmo que não fosse direcionado a ela. Estava feliz por ter acesso a essas coisas antes inalcançáveis (Cruz, 2016, p. 186).

As agruras de uma sociedade racista são trazidas para dentro do texto literário. Encontra-se, portanto, uma relação de causa e consequência, quando se percebe que na realidade as possibilidades do mundo liberto não eram tão amplas quanto necessitavam. Ao entrar na escola, Damiana se depara com a desigualdade social, quando a questão do estudo se torna um luxo para si e uma regra para as abastadas brancas. A diferença de tratamento também denota o efeito de causa e consequência, pois tarefas lhe eram designadas para que continue uma vida de servidão aos brancos, mesmo que, em teoria, a escravidão tenha acabado. A ideia de que “poderia ter sido dessa forma, se não tivesse ocorrido desse outro jeito” se revela nas falas da narradora, pois se Damiana não gastasse seu tempo limpando, lavando e servindo sujeitos que deveriam ser seus iguais, ela teria aprendido muitas coisas que foram perdidas devido a escravização ainda presente no Brasil e em sua vida.

A personagem é uma categoria vital dentro da narrativa; no entanto, não se torna a única importante. Não se pode, por exemplo, fundamentar uma análise literária apenas em ações realizadas pela personagem, é necessário também que outros elementos façam parte do corpo dessa análise. Feita essa ressalva, pode-se considerar que a verdade de Damiana é uma característica da personagem que a representa, assim como sua realidade não existe separada de si, as causas de sua vida estão situadas na obra, os atos racistas contra ela é o que a torna objeto de análise, pois a forma como reage a esses atos é o que conduz a interpretação do próprio romance e de outros aspectos que podem ser factuais e/ou fictícios. Mediante isso, Candido *et al.* (1970) dizem que há um paradoxo que rodeia esse viés, pois:

De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial (Candido *et al.*, 1970, p. 04, grifos do autor).

Antonio Candido *et al.* (1970) afirmam que esse paradoxo fundamental da ficção literária destaca a contradição entre a não existência objetiva da ficcionalidade e a sua capacidade de evocar uma sensação de verdade existencial (a impressão de encontrar a verdade mais genuína). Nesse paradoxo, é revelada a tensão que há entre a natureza imaginária ficcional e sua capacidade de criar uma sensação de realidade, enfatizando que a credibilidade de aspectos ficcionais, dependem da capacidade de criar uma impressão de verdade. Sendo assim, Candido *et al.* (1970) destacam o papel da imaginação e da fantasia na criação de universos fictícios. Para tanto, seguindo um panorama geral, é lógico reconhecer a existência de apenas um tipo eficaz de personagem, a inventada, pois a partir dela cria-se uma narrativa, visando refletir a individualidade do romancista e do mundo que o cerca.

Em *Água de barrela*, a verdade existencial das personagens sugere que a ficção pode capturar aspectos fundamentais da condição humana, tornando-a relevante e autêntica. E esse fato depende do poder que obras ficcionais têm de criar universos e cenários que estão sempre correlacionados a uma causa do mundo real:

Esperaram cerca de duas semanas, com Martha numa ansiedade de criança. Pensou em tudo milimétrica e maquiavelicamente, para incomodar ao máximo a família branca. Descobriu o dia em que todos, inclusive o Coronel Francisco, estariam de volta na casa. Pediu a Damiana que escrevesse uma carta para acompanhar a foto com a letra mais caprichada que pudesse e sem erro nenhum. Se fosse preciso, que pedisse a uma das irmãs para corrigir. A fotografia naqueles tempos era um evento. Além de não ser barato, era um sinal de status que poucas famílias tinham condições de ostentar. E Damiana, pensava Martha, estava muitíssimo elegante como qualquer uma das Tosta. Gostou de imaginar o orgulho e a felicidade da filha Dodó, sempre tão humilhada naquela casa. Sentiu ondas de prazer imaginando a cara de espanto de láia Bandeira e de todas aquelas mulheres tão “metidas a besta” (Cruz, 2016, p. 194).

A passagem acima destaca a existência de uma presença narrativa que sugere resistência à opressão a qual foram destinadas por tanto tempo. O fragmento do romance aborda a manifestação contra o racismo, visto que a personagem Martha planeja uma ação para contradizer a família branca, demonstrando astúcia e coragem na realização do seu objetivo. Esse que é justificado pela desigualdade de classe social entre as personagens brancas e ela própria. A determinação de Martha nasce do fato da filha, Dodó, estar em uma situação análoga à escravidão, causando a vontade de justiça na personagem materna.

No entanto, essa justiça se fundamenta a partir de valores da branquitude. Conseguir alcançar o mesmo patamar dos brancos, em certa medida, é reconhecer que eles são melhores. Martha quer igualar-se a esses sujeitos, quer provar que pode ser como eles. Dessa forma, ela desafia a hierarquia social, humilhando a família branca, mostrando que os lugares reservados para cada um, durante os tempos escravistas, já não possuem grande influência como antes; mesmo que às vezes seja necessário absorver os costumes e os ideais daqueles que tanto lhe fizeram mal. O romance aborda o enfraquecimento do poder dos brancos conforme a negação da submissão aumentava entre os negros. Isso se intensifica, pois a fotografia, um dos símbolos de *status* e privilégio que antes eram exclusivos dos brancos, agora era acessível para pessoas cujo modo de viver, cuja cor de pele e cuja existência eram motivos de desprezo.

Para Brait (1985), o conceito de personagem se situa não apenas no fazer artístico, pois é necessário que essa cinesia criativa construa um discurso antirracista, assim como ocorre no romance de Cruz (2016). Brait (1985, p. 29) ainda afirma que: “Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso, estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer.” Logo, essa questão leva ao pensamento de que é necessário fazer da personagem o instrumento pelo qual as convicções do autor adentrem o romance:

Assim sendo, consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens (Brait, 1985, p. 54).

Em *Água de barrela*, analisa-se essa perspectiva com base nas vertentes raciais presentes no texto literário. A obra traz a discussão acerca da luta contra a escravização e da resistência que repele os preconceitos gerados nesse período. As personagens pretas, em sua grande maioria mulheres, são desenvolvidas através da sobrevivência. Essas mulheres foram

responsáveis por dar continuidade à vida. Seus trabalhos árduos deixaram conforto e outras melhorias para as gerações futuras:

Toda a família Tosta na linha de Dona Maricota foi ligada à Justiça. Todos juízes, advogados ou professores, formados nas mais renomadas instituições no país ou no exterior. Ela achou curioso que o descendente de todas aquelas mulheres e Celina Umbelina, Anolina, Dasdô, Martha, Damiana enveredasse pelos caminhos do Direito. Se Firmino estivesse ouvindo seus pensamentos, diria que não existia nada de exótico ou curioso nisso. Ele diria: -Xangô é rei. Está pisando aqui comigo, e cedo ou tarde a justiça se fará (Cruz, 2016, p. 301).

Trazendo elementos africanos para dentro do universo literário, Eliana Alves Cruz insere em seu enredo a valorização da cultura de seus antepassados, abrindo espaços para práticas desprezadas. O fragmento do romance desperta a sensação de justiça, quando os negros, que tanto sofreram durante todo o enredo nas mãos dos brancos, se mostram focados em mudar o cenário de senhor-escravo. A personagem branca se revela surpresa com o sucesso do homem negro, pois para ela, o destino de sucesso era reservado às pessoas de pele clara como a dela. Era “exótico”, estranho, que uma pessoa negra, pobre e sem riquezas, quisesse fugir dos papéis sociais atribuídos, sobretudo, porque a pessoa negra em questão é descendente das mulheres que foram serviçais em sua casa. A branquitude se vê incomodada com as mudanças na sociedade, promovendo medo do poder dos brancos acabarem, da obediência negra e da superioridade branca não existirem.

Com isso, pode-se compreender que “pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto” (Brait, 1985, p. 29). As personagens negras mantêm esse aspecto objetivo, pois, durante toda a narrativa do romance, se adaptam à realidade difícil e mudam ao passo que vão (re)conquistando os direitos tomados. Sendo assim, nas palavras de Eliana Alves Cruz reverberam as de seu antepassado, Firmino, (antes nomeado Akin), quando diz que “Xangô é rei. Está pisando aqui comigo, e cedo ou tarde a justiça se fará.”. Avaliando a construção literária da personagem Firmino dentro do romance, conclui-se que aquelas palavras têm sentido, pois é parte do entendimento interpretativo que se realiza a partir da leitura e da estruturação coerente de *Água de barreira* (2016). Em vista disso, o leitor compreende que essas palavras servem como desfecho. Esse final denota que a justiça prometida por Xangô, nos primeiros capítulos da obra, finalmente chegou e permanecerá ativa enquanto houver luta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como desígnio a análise da obra literária afro-brasileira *Água de barreira*, da escritora Eliana Alves Cruz. Com isso, buscamos identificar a maneira que os brancos usufruíram de seus privilégios para desenvolver políticas e leis que desencadearam um desejo de branqueamento nas personagens pretas, e compreender os engendramentos que caracterizam esse processo na obra de Cruz, levando a uma reflexão sobre as políticas de morte e suas cruéis formas de utilização pelas mãos dos senhores de escravos.

Através de uma narrativa autoficcional, temos os relatos contados pela sua tia-avó, Anolina, uma mulher esquizofrênica que vivia mentalmente em um período não tão distante da realidade da autora. Ao relatar as vivências e os acontecimentos da história de sua família, a idosa revelou o passado regado por dores, sofrimentos e muita luta, vividos por ela e seus ascendentes. Dessa forma, *Água de barreira* é um romance que ultrapassa gerações, pois mostra o tempo passado e o tempo presente de duas famílias, a da autora, e os Tosta, representados pelas personagens brancas, essas que foram as responsáveis por escravizar e manter, por tanto tempo, as personagens negras em situação de submissão. Assim sendo, os fragmentos analisados mostraram as formas na qual os brancos - usando aspectos da branquitude para exercer poder - criaram dentro da sociedade, leis e políticas que os beneficiaram, retirando dos outros (não-brancos), qualquer direito ou poder que possuísem.

Para tanto, através da análise do romance, identificamos aspectos da cultura africana trazida pelos negros escravizados, o que ocasionou reflexões acerca de valores revertidos pela branquitude para demonizar as tradições afrodescendentes no intuito de destruí-las. Apesar disso, ao interpretar a referida obra, percebemos que esses elementos agem como um arquivo vivo dessas culturas, pois lemos relatos que partiram do real, vinculados a uma ficção, para dar vida a personagens inspiradas em pessoas reais que não tiveram a oportunidade de contar suas histórias.

Mediante esse fator, compreendemos que a literatura retoma pontos do passado que, sem ela, poderiam ser totalmente apagados e esquecidos. Discutir sobre a Literatura afro-brasileira, bem como analisar uma obra escrita por uma mulher negra, faz com que haja uma ressignificação dos papéis distribuídos pela branquitude para as pessoas negras e, principalmente, para as mulheres negras. Visto que a construção narrativa de Cruz destaca a sobrevivência de seus antepassados, especificamente, das mulheres, que tinham como principal fonte de sustento, os trabalhos domiciliares de limpar, passar e lavar, esse último, especialmente, é caro ao entendimento do contexto do romance e do próprio título da obra, pois

através da Água de barrela, e do branqueamento das roupas dos senhores brancos, o presente, o futuro e a sobrevivência dessas mulheres foram garantidos.

Para esta pesquisa, partimos de representações e entendimentos a respeito das práticas racistas para compreender como a branquitude utiliza seu poder institucional a fim de promover políticas punitivas que garantem a administração da vida e da morte das pessoas negras. Para identificar esses fatores, analisou-se os comportamentos dos Tostas (família branca escravista) em relação às personagens negras (antepassados de Eliana Alves Cruz). Por esse viés, notamos que a branquitude criou variados mecanismos e instrumentos para garantir a submissão dos escravizados. O principal intuito das ferramentas de morte (Mbeme, 2018) foi a de promover torturas e punir os negros que se negavam a assumir uma nova identidade, assim como também era utilizado para castigar os escravizados que fugiam dos cativeiros e das senzalas.

Nesse sentido, após os fragmentos analisados, concluímos que a religião eurocristã era uma das principais ferramentas de morte, pois a partir dela a branquitude criou uma idealização egocêntrica, narcísica, sobre seu lugar no mundo, se colocando nele como uma figura abençoada graças aos privilégios brancos em um mundo que demoniza tudo e todos que não são iguais a si. Para tal, essas personagens se valem dessa interpretação para autorizar e realizar atos cruéis contra vidas negras, ferindo o corpo e a alma daqueles que não seguem as mesmas crenças. O que mostra, portanto, que a branquitude não se importa genuinamente com a religião, mas sim com o poder.

Esse poder (conservador, cristão e colonialista) fundou a sociedade brasileira, tanto a recriada no romance quanto a da vida real. Tudo isso permitiu compreender a posição das personagens pretas dentro dessa sociedade. Diante dos trechos analisados, observamos que durante o período de escravização dos povos africanos, direitos básicos lhes foram negados. Seus lugares sociais eram resumidos à servidão. Após esse período, a situação social dessas personagens permaneceu complexa, visto que, mesmo após a libertação, a luta, a sobrevivência e as injustiças permaneceram presentes em suas vidas.

Esses lugares designados, no entanto, foram se alterando perante o esforço e o trabalho árduo das personagens que não abdicaram da vida, mas que, infelizmente, ainda sofreram com as violências provenientes do racismo. Percebemos, por conseguinte, que ocorreu uma falsa liberdade. As personagens pretas não estavam livres de fato, pois as possibilidades trabalhistas e os direitos atribuídos aos brancos não atuavam da mesma maneira para o povo negro, uma vez que algumas personagens continuaram na posição de escravizadas, mesmo após muitos anos da abolição da escravatura.

A realização desta pesquisa se valeu dos aspectos narrativos, esses foram importantes para as análises dos elementos literários presentes no romance. A estrutura narrativa mostra, através das suas personagens, as configurações do processo de branqueamento da nação, por meio da negação em ser-se negro, mediante as práticas abomináveis da branquitude, revelando que, em *Água de barreira*, o negro deseja se tornar branco, não por concordar com os preceitos da branquitude, mas porque esse desejo está fundamentado na forma cruel a qual as personagens pretas foram submetidas durante os muitos anos de alienação, punição e demonização. Essas ideias enraizaram na mente das personagens negras, através do medo e do receio do sofrimento. Dessa forma, algumas personagens traem seus iguais, para proteção individual; outras, mais empáticas, utilizam esse processo para impedir que seus familiares passem pelas mesmas agruras.

Assim, esta pesquisa se atentou às principais escolhas narrativas, a fim de compreender como os tensionamentos desse pacto narcísico branco desencadeou o processo de branqueamento da nação brasileira durante e após o período de escravização no contexto da obra. Para tanto, entendemos que *Água de barreira*, de Eliana Alves Cruz, apresenta a verossimilhança e figuras de linguagem para propor uma relação entre aspectos ficcionais e reais, a exemplo da branquitude na família Tosta (a parte) que, no romance, representa o Brasil (o todo).

Partindo desse pressuposto, compreendemos que a literatura se relaciona com várias áreas do conhecimento, como disciplinas que trabalham a relação humana. A partir das personagens situadas no romance, vimos que a branquitude instaurou uma relação de poder e soberania na sociedade brasileira, o que permitiu (ainda permite) que políticas de morte fossem desenvolvidas para subjugar as pessoas negras e beneficiar a cultura branca. A narrativa autoficcional de Eliana Alves Cruz denota, portanto, que as consequências da disseminação da branquitude na sociedade brasileira desencadeou o processo de branqueamento que ainda reverbera nos dias atuais através do desgosto pela cor da pele negra, e por tudo que é representado pela negritude.

Para tanto, o principal problema dessa pesquisa se deu através da identificação do papel da branquitude nesse processo de branqueamento das personagens pretas. Utilizamos um aporte teórico que designou o tipo de pesquisa que deveríamos abordar para atingir o propósito buscado. Também partimos de estudos sobre como realizar uma pesquisa literária, para entender como a literatura se relaciona aos aspectos sociológicos. Mas, especificamente, utilizamos teorias que discutem a Literatura afro-brasileira, no intuito de compreender as afrobrasileiridades que compõem obras literárias. As personagens e os aspectos narrativos foram

entendidos através das teorias explicativas desses fatores, pois compreendemos que a personagem foi a categoria principal dentro desta pesquisa, como também as concepções por elas defendidas. Dessa maneira, também utilizamos estudos de teóricos que não fazem parte do campo literário, para compreender ideais sociais que estão interligados à vida das personagens. Consideramos, desse modo, que o aporte teórico utilizado foi suficiente para suprir as necessidades de respostas buscadas.

Os estudos aqui realizados estão inseridos no grupo de pesquisas importantes para a compreensão da literatura enquanto um agente de denúncia do racismo em busca da justiça, assim, também age como um fator de cultivo das culturas inferiorizadas. Esta pesquisa teve início através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na qual participei como voluntária. As leituras realizadas naquela época e o trabalho produzido, com o mesmo título desta monografia, despertaram uma necessidade de aprofundamento nos temas relacionados ao romance, pois senti uma empatia marcante em relação às personagens e a história narrada em *Água de barreira*.

Na procura pelo desenvolvimento do tema, deparamos com alguns estudos sobre questões como a memória, o colonialismo, o estupro, o extrativismo, entre outros aspectos. Sendo assim, procuramos analisar pontos não tão abordados sobre o romance, mas que se fazem imperiosos na obra, como a questão do branqueamento. No entanto, não deixamos de lado as análises acerca da resistência e da sobrevivência das personagens, e principalmente, dessas pessoas que foram vitais para o desenvolvimento da obra e deste trabalho monográfico. Esperamos, portanto, que esta pesquisa contribua significativamente, tanto para estudos em torno da literatura quanto para reflexões sobre valores danosos que, mesmo com luta, ainda se mantêm enraizados na sociedade atual, ferindo a alma e a memória dos que foram escravizados e de seus descendentes.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e
- ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. Belo Horizonte: Malê, 2016.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, v. 14, n. 23, 2017.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. Editora D.E.L.T.A 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/zgt5HRbRrH5d3dS3SpxGYRG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ed; São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **A Escrevivência e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Escrevivência**: sentidos em construção. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Universidade do Rio de Janeiro: Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

1 MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

2 PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. Xangô, rei de Oiô. **Dos yorùbá ao candomblé kétu**. São Paulo, Edusp, 2010, v. 1, p. 141-161.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombo**: modos e significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, 2018.